

# ENSAIO BIOGRÁFICO E REFLEXÕES TEÓRICAS

## SOBRE A TRAJETÓRIA E A OBRA DE JOSÉ

### HENRIQUE DE FARIA

**José Ricardo Vargas de Faria<sup>1</sup>**

Terça-feira, 10 de dezembro de 2019. Era o nono dia de UTI. Os médicos haviam suspenso a sedação no domingo, depois de uma semana entubado, em função de uma cirurgia para tratar de complicações decorrentes da colocação de três estentes na artéria coronária esquerda, que já estava totalmente comprometida quando meu pai chegou ao hospital no dia 1º de dezembro. Por ter ficado uma semana entubado, o que criava dificuldades de deglutição, os médicos mantinham a sonda de alimentação, depois de já terem reduzido significativamente o emaranhado de cabos e equipamentos que o mantiveram vivo na semana anterior. Mesmo no período em que estava sem consciência, era nítido o incômodo que aquela aparelhagem lhe causava, pois sempre se libertava de algum sensor de monitoramento. No começo, levamos alguns sustos quando a pressão ou batimento cardíaco estavam muito alterados, depois aprendemos que, na maior parte das vezes, era só reconectar as amarras. Não era à toa que o grupo de comunicação para compartilhamento dos boletins médicos entre as filhas e os filhos, os genros e as noras e a companheira do meu pai se chamava

---

<sup>1</sup> Doutor em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Associado da Universidade Federal do Paraná. <http://lattes.cnpq.br/2623694283407305>. <https://orcid.org/0000-0003-2594-3550>. [jrvfaria@gmail.com](mailto:jrvfaria@gmail.com). Endereço para correspondência: Universidade Federal do Paraná, Setor de Tecnologia, Departamento de Transportes. Centro Politécnico, Bloco V, Jardim das Américas, Curitiba, PR, Brasil. CEP: 81531-980. Telefone: (55 41) 33613224.

#farialivre. Mas na terça-feira, já estávamos bem mais animados com o processo de recuperação e havia a expectativa de que ele pudesse se alimentar sem a sonda no dia seguinte. Na visita do meio-dia, no entanto, o velho Faria estava consternado. Havia arrancado a sonda de alimentação e uma das enfermeiras lhe passou uma reprimenda seguida de punição. Falando ainda muito baixo, também em consequência do período entubado, relatava o ocorrido e o relacionava com a formação de grupos, as relações de poder entre os trabalhadores da UTI e destes com os pacientes. Não havia dúvida que estava recuperado.

Este relato é uma ilustração e, em certa medida, permite uma síntese de três aspectos que gostaria de destacar nessa reflexão-homenagem que a Revista Farol faz, sob a competente e carinhosa coordenação das Professoras Deise Ferraz e Camila Brüning, a quem agradeço o convite para compor esse volume, ao Professor José Henrique de Faria: a centralidade do tema do poder, o horizonte político da emancipação e da justiça social e a primazia do real. Ao mesmo tempo prazerosa e muito desafiadora, a redação desse pequeno ensaio me permitiu uma reflexão sobre a indelimitável influência que o Prof. Faria, Zé Henrique, meu pai tem sobre minha trajetória, meu pensamento e minha forma de interpretar (e agir n) o mundo. No entanto, nessa reflexão, me questionei sobre o que poderia escrever que tornasse o texto interessante e relevante para uma publicação que procura destacar a importância de um intelectual e pesquisador brasileiro com uma influente contribuição para a área de estudos organizacionais. Em outras palavras, sem aspiração a Plutarco, procurarei articular biografia e memórias com uma análise particular da contribuição teórica e acadêmica do homenageado.

Inequivocamente, o primeiro aspecto a ser acionado, apesar de ser aquele em que o relato inicial faz menos justiça (pois não se trata de circunscrevê-lo a relações pessoais), é o tema do poder. Desde sua dissertação de Mestrado em Administração na UFRGS – orientada pelo Professor Roberto Fachin no final dos anos 1970 – que discutia, a partir

do estudo dos movimentos operários no ABC paulista, o autoritarismo nas organizações (Faria, 1980), o poder tem sido o tema central nas preocupações e na produção do Faria. É desse trabalho inicial que decorrem os primeiros livros, *Relações de Poder e Formas de Gestão* (Faria, 1985a) e o *Autoritarismo nas Organizações* (Faria, 1985b) e os primeiros artigos.

Tomando como chaves de leitura o poder, o controle e o autoritarismo, fundamentalmente a partir de um recorte de classe, Faria revisa criticamente a gestão nas unidades produtivas e a ideologia que a justifica, a administração. Em *Relações de Poder...*, afirma, logo na introdução, que “o estudo da gestão nas organizações passa, necessariamente, pelo estudo do poder” (Faria, 1985a, p. 7), fato que os ideólogos da administração se empenham em relevar ou interpretar a luz das relações pessoais, como recurso para escamotear o fato de que a administração é a teoria específica da gestão capitalista. Para o pensamento crítico em administração, pode parecer, agora em 2021, que não há nada de novo sob o sol nessa afirmação, mas é importante contextualizar o momento em que o trabalho foi produzido.

A dissertação de Faria foi escrita no período de efervescência do movimento operário que reconfigurou o sindicalismo brasileiro, produziu a mais importante greve do período final da ditadura militar, em 1979, e, em conjunto com as associações populares urbanas, as comunidades eclesiais de base e a intelectualidade crítica, incidiu decisivamente no processo de redemocratização. A crítica ao autoritarismo estava na ordem do dia.

A década de 1970 também testemunha a emergência das interpretações críticas no campo da Administração. No Brasil, Mauricio Tragtenberg, “um dos fundadores mundiais da teoria crítica das organizações” (Motta, 2001, p. 64), publica em 1974, *Burocracia e Ideologia* (Tragtenberg, 1974) e em 1980, *Administração, Poder e Ideologia* (Tragtenberg, 1980). É também deste período, a tese de doutorado de

Fernando Coutinho Garcia, sobre Centralismo Democrático e Autoritarismo Partidário, concluída em 1977 e publicada em 1979 sob o título *Partidos Políticos e Teoria da Organização* (Garcia, 1979) e a tese de doutorado de Fernando Prestes Motta, concluída em 1980 e publicada em 1981 sob o título *Burocracia e Autogestão: a proposta de Proudhon* (Motta, 1981). Às afirmações da administração como ideologia, da burocracia (ou heterogestão) como forma específica da gestão capitalista e das possibilidades de outras formas de gestão, Faria adiciona suas próprias contribuições para análise do poder e do controle nas unidades produtivas e uma detida crítica à Teoria Geral da Administração e de suas "escolas", como se convencionou tratar nos livros do *mainstream* dos cursos de Administração. Apesar da amizade e importante influência de Tragtenberg, Motta e Garcia, o trabalho de Faria é mais marxista e menos weberiano ou anarquista do que os de seus camaradas.

Desse período, aliás, tenho a viva lembrança do volume em espanhol, de *El Capital* (apesar da publicação em português pela Civilização Brasileira na década de 1970, a versão em português que lembro de ter visto pela primeira vez em casa foi a da coleção Os Economistas da Editora Abril). A capa preta da publicação em único volume do livro I, com o título na lombada em letras desbotadas, conferiam ao livro um certo ar de proibidão para uma criança de cinco anos. É bem verdade que em certos circuitos, naquela época, não era mesmo muito prudente tê-lo na biblioteca.

O tema do poder seguiu o acompanhando no doutorado sobre *Comissões de Fábrica* (FARIA, 1987) e na tese para professor titular da UFPR, defendida em 1990, intitulada *Tecnologia e Processo de Trabalho* (Faria, 1992).

Em *Comissões de Fábrica: poder e trabalho nas unidades produtivas* (Faria, 1987), desenvolve mais detidamente, visando compreender as experiências de participação dos trabalhadores na gestão do processo de trabalho que surgiam nas fábricas brasileiras no final da década de 1970, o quadro analítico dos elementos econômicos e

político ideológicos de controle do trabalho, que influenciou diversas pesquisas posteriores sobre poder e controle nas organizações, incluindo diversas orientações de mestrado e doutorado. Com um olhar para as experiências de co-gestão na Alemanha, de Autogestão na Iugoslávia e de Comissões de Fábrica e Coletivos Trabalhistas na Espanha e União Soviética, analisou experiências de comissões de fábrica na indústria automobilística no ABC paulista. Do ponto de vista do poder, a própria pesquisa era insurgente. Ouvi muitas vezes as histórias dos malabarismos para conseguir as entrevistas com trabalhadores e gestores e de quanto as melhores falas aconteciam depois de desligado o gravador de fita cassete.

Em *Tecnologia e Processo de Trabalho* (Faria, 1992) propõe a categoria tecnologia de gestão como o conjunto de conhecimentos aplicados que, em conjunto com as tecnologias físicas (a “maquinaria”), opera os mecanismos do controle do processo de trabalho e produção.

O essencial desses quatro livros, é reelaborado e articulado em *Economia Política do Poder* (FARIA, 2004) e, posteriormente, na versão mais bem acabada, em *Poder, Controle e Gestão* (Faria, 2017). Esses trabalhos constituem o núcleo teórico do EPPEO, grupo de pesquisa em Economia Política do Poder e Estudos Organizacionais, criado em 2002 e liderado por Faria desde então.

O doutorado na USP foi realizado no período em que morávamos em Brasília. Diferente do período em Porto Alegre, em que minhas memórias mais marcantes são do Jardim da Vovó Donalda (minha primeira experiência escolar) e de brincar no ‘Parcão’, as de Brasília são bem mais consistentes. Eu compreendia as constantes viagens à São Paulo como parte das obrigações do meu pai com o doutorado e que ser doutor era algo não apenas muito importante como difícil. A imagem com livros, grifando-os a lápis, e a biblioteca que não parava de crescer, fazendo com que a enorme estante de cerejeira na sala de estar parecesse ficar cada vez menor, estão entre as minhas mais presentes

representações da figura do meu pai. Mais tarde viria a se agregar a imagem de debatedor, que apareceu para mim desde cedo, na curiosidade infantil de ver as contendas sobre economia e política entre ele e meu avô materno, também professor universitário. Um marxista, outro liberal e os debates seguiam por horas depois dos almoços de família em Ponta Grossa.

Talvez por mimetismo (o Prof. Clóvis Machado-da-Silva adoraria ter lido isso) eu também gostava de ler. Além dos gibis, o primeiro livro que me lembro de ter lido sem ser uma tarefa escolar (eu deveria ter uns 8 ou 9 anos), foi *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1982). Ainda me vem a mente a cena da conversa com meu pai sobre a estória e a revelação de que não se tratava apenas de um conto sobre a Granja Solar, Bola-de-Neve, Napoleão, Garganta e os cachorros, mas de uma crítica ao totalitarismo, uma denúncia de traição que se baseava em fatos reais. Figuras históricas estavam ali representadas e eu ouvia seus nomes reformulando o sentido do que havia lido.

Àquela altura, também inspirado pelo LP de vinil dos Saltimbancos, com as letras de Chico Buarque (que, aliás, era quem mais se ouvia na vitrola de casa junto com Milton Nascimento), eu já começava a sonhar com outro mundo possível, com o dia em que os mandamentos originais do Animalismo não fossem traídos, com a união da bicharada contra os barões.

Essa lembrança também aciona o segundo aspecto desse texto, quase evidente pela argumentação já desenvolvida, mas que precisa ser nominado. O estudo sobre o poder sempre esteve acompanhado da crítica à opressão, à dominação, ao autoritarismo e à exploração. Importante deixar claro que não se trata de dizer que, para Faria, o poder é apenas o poder dominante, que oprime e explora, mas que a democracia, a justiça social, a emancipação e, no limite, a autogestão – que também dependem da capacidade das classes e grupos sociais subalternizados de definir e realizar seus interesses específicos, mesmo contra a resistência de outras classes e grupos sociais –

estão sempre em seu horizonte político. Para além das contribuições teóricas, esse é um dos fatores mais importantes para compreender as influências, os vínculos políticos e afetivos e o reconhecimento do Professor Faria, em maior ou menor medida, entre gerações de estudantes, pesquisadores e colegas.

Somaram-se às produções iniciais já citadas, especialmente *Relações de Poder...* e *Comissões de Fábrica...*, diversos projetos de pesquisa, orientações, debates e produções, entre elas um livro intitulado *Gestão Participativa: relações de poder e de trabalho nas organizações* (Faria, 2009), que abordavam as formas de organização coletivistas dos trabalhadores, inseridas ou não no modo de produção tipicamente capitalista. Foi nesse campo que desenvolvi minha dissertação de mestrado em Administração concluída em 2003.

A década de 1990 havia testemunhado o surgimento das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares e do movimento da Economia Solidária e o tema da autogestão estava em voga. Pessoalmente, tive a oportunidade de fazer parte de um coletivo de estudantes que construiu uma experiência cooperativa e autogestionária de trabalho. Os debates desse grupo, iniciados em 1996, diversas vezes contaram com a participação do Faria, que nos falava sobre outras formas de gestão, trabalho, modo de produção etc. Também fizemos um debate com o Pedro Ivan Christoffoli, agrônomo e liderança do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que, orientado pelo Faria, fazia o seu mestrado em Administração sobre o desenvolvimento de cooperativas de produção coletiva de trabalhadores rurais, analisando as experiências do movimento no capitalismo.

Apesar da minha formação em engenharia civil e do meu trabalho em planejamento urbano, com a fundação da Ambiens Sociedade Cooperativa em 2000, fui levado a me interessar ainda mais pela gestão. Ingressei no mestrado em Administração em 2001 e virei, formalmente, aluno do Faria. A partir daí acompanhei mais proximamente a

trajetória acadêmica do meu pai no campo dos estudos organizacionais. Lembro, especialmente, da participação nos embates no interior da ANPAD, junto com tantos colegas, por garantir espaço para as abordagens críticas – que na época levou, entre outros efeitos, à criação da linha *Teoria Crítica em Estudos Organizacionais*, na Divisão EOR da ANPAD. Vale também o destaque para a iniciativa de proposição, no Eneo de 2008, do tema *Análise Crítica, Formas de Gestão e Práticas Transformadoras em Organizações*, que entre os 11 temas, recebeu mais de 120 dos cerca de 500 trabalhos inscritos no evento daquele ano. O grupo de pesquisa Economia Política do Poder e Estudos Organizacionais (EPPEO), criado em 2002, teve, em 2006, a primeira pesquisa financiada pelo CNPq: Autogestão e Poder. O objetivo foi analisar relações de poder em organizações coletivistas, solidárias e cooperativas, consolidando a linha de pesquisa Formas Coletivistas de Gestão, Poder e Trabalho. Se sucederam diversas pesquisas e orientações sobre o tema, até a atual orientação do Eziel de Oliveira, talvez a última no PPGADM da UFPR. Da crítica ao autoritarismo e aos mecanismos de controle do processo de produção capitalista à análise (crítica) das práticas (críticas) de organizações coletivas e contestatórias de trabalhadores inseridos no capitalismo, o poder, tema que ainda retomarei em seguida, tem papel central na análise de Faria. Quero, para não me descolar demasiadamente da linha do tempo, retomar o marco temporal do concurso de professor titular, para acionar o terceiro aspecto que pretendo discutir.

Até 1990, Faria havia congregado a atividade de docência, iniciada na Universidade Estadual do Ponta Grossa (UEPG) em 1976, com funções públicas no Ministério da Indústria e Comércio, em Brasília, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) e Banco de Desenvolvimento do Paraná (BADEP), em Curitiba. Naquele ano também completava (e por consequência, completávamos) 5 anos morando em Curitiba. Até aquele momento, era a maior sequência ininterrupta de tempo morando em uma mesma cidade, desde o seu casamento com a minha mãe, em 1973. O retorno para Curitiba, havia sido uma reivindicação da minha mãe, por



questões familiares, e não havia no horizonte perspectiva de novas mudanças. Mas a passagem ao regime de dedicação exclusiva, marca outro tipo de permanência, que se expressou na intensa dedicação à UFPR nos anos seguintes. Em 1990, foi o primeiro coordenador do mestrado em Administração da UFPR, deixando o cargo para assumir, no mesmo ano, a Pró-Reitoria de Orçamento e Planejamento. Em 1993 se candidata e vence a eleição para a Reitoria, exercendo o mandato entre 1994 e 1998.

Eu havia ingressado no curso de Engenharia Civil da UFPR em 1992. Como estudante, acompanhei e participei do processo eleitoral de 1993, desde a formação da chapa em um processo participativo que chegou a ter assembleias com participação de mais de 300 professores, servidores técnico-administrativos e estudantes, até a campanha. A eleição era apenas a terceira da história da UFPR e foi um momento de intensa mobilização política. Em diversos aspectos, o contexto da época não era dos mais favoráveis para as Universidades Públicas. No Governo Fernando Henrique Cardoso, com Paulo Renato à frente do Ministério da Educação, pululavam políticas de desfinanciamento do Ensino Superior Público (que implicavam eventualmente até na dificuldade de reposição do quadro docente) e propostas de privatização das Instituições de Ensino Superior pela via das Organizações Sociais.

Em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade os sindicatos de docentes e de técnico-administrativos protagonizaram diversas greves na década de 1990. Menos de uma década após do fim da Ditadura Militar, o movimento estudantil vivia um período de reconstrução e efervescência (lembramos do movimento dos cara-pintadas em 1992, que contribuiu para o impeachment de Fernando Collor). O período também foi de intensa mobilização política de movimentos sociais urbanos e rurais. Vivenciei esse período como estudante, militante do movimento estudantil e representante discente nos conselhos superiores. Na Universidade, acompanhei o mandato de quatro anos do Reitor Faria, entre abril de 1994 e abril de 1998. Em casa, também observava,

como filho, as vicissitudes da função que meu pai havia assumido, que lhe exigiam enorme dedicação.

A gestão do Faria na UFPR, o “Reitor de Esquerda”, foi um marco importante localmente, mas também reconhecido além dos arrabaldes. A criação da Coordenadoria de Movimentos Sociais e de uma Política de Extensão Universitária, coordenada pela Professora Milena Martinez, marcou a vida de muitos estudantes e professores, além de ter se tornado uma referência nacional. Mesmo diante das dificuldades financeiras, se consolidou o Campus de Palotina, criado em 1993 como primeiro campus da UFPR no interior e foi inaugurado o Campus Jardim Botânico. É importante destacar a relação de diálogo com os movimentos estudantil e sindical e a gestão democrática dos Conselhos Superiores, que, à época, de fato era um espaço de debate da política universitária, em vez de apenas um chancelador de acordos prévios.

Aprendi muito sobre política e até hoje, sempre que meu pai diz que suas concepções de poder se transformaram no período da reitoria, sinto uma compreensão íntima dessa afirmação. Mas é claro que essa mudança também está escrita e objetivada. Em *Economia Política do Poder* (Faria, 2004), o quadro de análise dos elementos de controle, originalmente publicado em *Comissões de Fábrica...*, ganha uma nova dimensão, a dos aspectos psicossociais. A subjetividade se torna uma categoria ainda mais relevante no trabalho de Faria. Marxismo, Psicanálise e a Teoria Crítica Frankfurtiana se amalgamam, na análise da gestão flexível e dos mecanismos cada vez mais sutis de controle.

A ideia de que, além dos esforços de pesquisa, a experiência vivida e a reflexão crítica sobre a prática, que reforça a noção de indissociabilidade entre o sujeito e objeto de sua reflexão, revela o terceiro aspecto desse ensaio: a primazia do real. No momento em que escrevo essas linhas, recebo a notícia de que o Faria concluiu a redação da *Epistemologia Crítica do Concreto*, livro ao qual se dedicou por alguns anos, escrito e

reescrito a cada versão de sua disciplina sobre epistemologia no doutorado em Administração da UFPR. Nas notas de aula dos seus alunos, seguramente se encontram “a aparência não é igual à essência”, “a teoria não pode enquadrar a realidade”, entre outras sentenças. Todos se lembrarão da crítica ao produtivismo acadêmico e aos pesquisadores que vão a campo com suas teorias prontas, que se resignam a verificar o quanto a realidade corresponde à teoria ou, pior, a reclamar da realidade rebelde que insiste em não se adequar à ideia.

Essas noções também estão presentes permanentemente nas orientações, nas conversas sobre ciência, universidade e, ainda, em diversos artigos. Mais importante, porém, é que fazem parte de uma crítica da prática que orienta uma prática crítica. Faria reflete e formula a partir de pesquisa, mas também de experiências do cotidiano. O movimento do pensamento que se esforça em acompanhar, compreender e se apropriar do movimento do real, que é, em última instância, o movimento da vida, tem mais do que um atento observador; tem um analista crítico, que transforma e se transforma.

Não há como escrever ou delimitar um texto sem escolhas e, nesse caso em particular, com um bom nível de arbitrariedade. A crítica do poder e o pensamento ancorado na realidade como processo histórico e social são algumas das questões que estiveram na centralidade das preocupações do Faria e que elegi destacar. Sinto que ficaria incompleto, porém, se eu não fizesse pelo menos uma menção à sala de aula. Afinal, foi como Professor Faria, sobretudo, que meu pai se tornou quem é e assim que marcou e marca tantas trajetórias.

Junto com Francis, Carol, Giovanna, Luiz e outros colegas professores, acompanhei em 2020, como ouvinte, aquele que talvez tenha sido, depois de mais de 40 anos de docência, o último curso do Professor Faria, justamente o de epistemologia para alunos da UFPR e da UTFPR. Digo talvez, porque a promessa de aposentadoria ainda pode ser

descumprida. As aulas tiveram o primeiro encontro em seu lugar preferido, a sala de aula, mas a Pandemia de COVID-19 exigiu a migração para o ambiente virtual. O penúltimo ato do curso foi uma emocionada despedida e um certo lamento pela presença apenas virtual. A aula terminou com as manifestações de reconhecimento e carinho dos seus tão prezados alunos. Mesmo tendo sido também seu aluno, não creio que eu poderia reproduzir ou sequer representar essas manifestações, tão diversas, sobre as contribuições na trajetória intelectual e pessoal de cada um. Eu mesmo as ouvi, fora da sala de aula, tantas vezes, quando alguém me contava que o Faria tinha sido seu professor. Se eu puder, nessa conclusão, instigar a imaginação de quem não foi seu aluno, suscitar as recordações de quem foi e, para meu pai, provocar a lembrança dos tantos reconhecimentos, encerro esse texto como gostaria.

## REFERÊNCIAS

Faria, José H. (2017). *Poder, controle e gestão*. Curitiba: Juruá.

Faria, José H. (2009). *Gestão participativa: relações de poder e de trabalho nas organizações*. São Paulo: Atlas.

Faria, José H. (2004). *Economia política do poder* (3 vol). Curitiba: Juruá.

Faria, José H. (1992). *Tecnologia e processo de trabalho*. Curitiba: UFPR.

Faria, José H. (1987). *Comissões de fábrica: poder e trabalho nas unidades produtivas*. Curitiba: Criar.

Faria, José H. (1985a). *Relações de poder e formas de gestão* (2a ed). Curitiba: Criar.

Faria, José H. (1985b). *O autoritarismo nas organizações*. Curitiba: Criar.

Faria, José H. (1980). *A questão do autoritarismo organizacional: estudo dos movimentos operários da ABC paulista (1978-1979)*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Garcia, Fernando C. (1979). *Partidos políticos e teoria da organização*. São Paulo: Cortez/Moraes.

Motta, Fernando C. P. (2001). Mauricio Tragtenberg: desvendando ideologias. *Revista de Administração de Empresas*, 41(3), 64-68.

Motta, Fernando C. P. (1980). *Burocracia e autogestão: proposta de Proudhon*. São Paulo: Brasiliense.

Orwell, George (1982). *A revolução dos bichos*. São Paulo: Abril Cultural.

Tragtenberg, Maurício (1980). *Administração, poder e ideologia*. São Paulo: Moraes.

Tragtenberg, Maurício (1974). *Burocracia e ideologia*. São Paulo: Ática.

## ENSAIO BIOGRÁFICO E REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A TRAJETÓRIA E A OBRA DE JOSÉ HENRIQUE DE FARIA

### Resumo

José Henrique de Faria é economista, doutor em administração, professor, pesquisador e autor de trabalhos sobre poder, organizações e relações de trabalho. Também é meu pai e de meus três irmãos: Alexandre, Anna e Marianna. No entanto, escrevo para esse número da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade porque, além de filho, fui seu aluno, me tornei seu colega de profissão e integro o grupo de pesquisa por ele liderado. O depoimento que apresento procura, a partir de algum esforço biográfico, mas principalmente das minhas memórias sobre sua trajetória, propor uma análise particular da contribuição teórica e acadêmica do homenageado em três aspectos: a centralidade do tema do poder, o horizonte político da emancipação e da justiça social e a primazia do real.

### Palavras-chave

José Henrique de Faria. Poder. Emancipação Justiça social. Primazia do real.

## **ENSAYO BIOGRÁFICO Y REFLEXIONES TEÓRICAS SOBRE LA TRAYECTORIA Y LA OBRA DE JOSÉ HENRIQUE DE FARIA**

### **Resumen**

José Henrique de Faria es economista, doctor en administración, profesor, investigador y autor de obras sobre el poder, las organizaciones y las relaciones laborales. También es mi padre y mis tres hermanos: Alexandre, Anna y Marianna. Sin embargo, escribo para este número de Farol - Revista de Estudios Organizativos y Sociedad porque, además de ser su hijo, fui su alumno, me convertí en su colega y formo parte del grupo de investigación que dirige. La exposición que presento pretende, a partir de algún esfuerzo biográfico, pero sobre todo de mis recuerdos sobre su trayectoria, proponer un análisis particular de su aportación teórica y académica en tres aspectos: la centralidad del tema del poder, el horizonte político de la emancipación y la justicia social y la primacía de lo real.

### **Palabras clave**

José Henrique de Faria. Poder. Emancipación. Justicia social. Primacía del real.

## **BIOGRAPHICAL ESSAY AND THEORETICAL REFLECTIONS ON THE TRAJECTORY AND WORK OF JOSÉ HENRIQUE DE FARIA**

### **Abstract**

José Henrique de Faria is an economist, doctor in administration, professor, researcher, and author of works about power, organizations, and labor relations. He is also my father and my three siblings: Alexandre, Anna and Marianna. However, I am writing for this issue of Farol - Journal of Organizational Studies and Society because, besides being his son, I was his student, became his colleague and am part of the research group he leads. The testimonial I present tries, from some biographical efforts, but mainly from my memories about his trajectory, to propose a particular analysis of his theoretical and academic contribution in three aspects: the centrality of the theme of power, the political horizon of emancipation and social justice, and the primacy of the real.

### **Keywords**

José Henrique de Faria. Power. Emancipation. Social justice. Primacy of the real.



## CONTRIBUIÇÃO

### **José Ricardo Vargas de Faria**

O autor declara que realizou todas as etapas associadas ao texto, sendo o único responsável pela sua redação.

## AGRADECIMENTOS

-

## DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

O autor declara que a contribuição é inédita.

## CONFLITO DE INTERESSES

O autor declara não haver conflito de interesses.

## COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Faria, José R. V. (2021). Ensaio biográfico e reflexões teóricas sobre a trajetória e a obra de José Henrique de Faria. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 8(22), 603-619.